

# O GLOBO Empresários querem uma nova economia

BLUMENAU (SUCURSAL) — Realinhar a economia brasileira a partir de uma posição participante do empresário, diante da falência da tecnocracia responsável pela direção econômica do País, são os postulados básicos da Carta de Blumenau, firmada no XII Encontro de Federações de Indústrias do Extremo Sul, realizado em Blumenau e encerrado ontem à noite com um jantar no Tabajara Tênis Clube na presença do governador Jorge Bornhausen.

Os presidentes da Fiesc, Bernardo Wolfgang Werner; da Fiep, Altavir Zaniollo; e da Fiergs, Sérgio Schapke, assinaram o documento aprovado em plenário por cerca de 150 indústrias dos três estados sulinos, reunidos durante dois dias no Senai.

## O DOCUMENTO

“As federações das indústrias dos três estados do Sul, avaliando a difícil conjuntura pela qual está atravessando nossa sociedade, reafirmam sua irrestrita confiança nos destinos do País mercê de suas imensas potencialidades e, principalmente, pela tenacidade do homem brasileiro, calejado às adversidades mas nunca submisso ao negativismo.

“Vale ressaltar nesse Encontro a presença da Confederação Nacional da Indústria, que, pela primeira vez, institucionaliza o seu apoio a movimentos regionais que visam à articulação do setor industrial efetivamente a partir das bases.

“Esse encontro serviu para profundas reflexões sobre a atualidade brasileira, compreendendo, inclusive, o fundamental processo de aperfeiçoamento das nossas instituições democráticas liderado e assegurado pelo Presidente da República e que conta com a irrestrita solidariedade da nação.

“Emergiu dele como traço marcante a necessidade da economia brasileira, à luz das dificuldades existentes, ser repensada em seus postulados fundamentais para focá-la na direção de caminho que efetivamente tenham elevado poder de apagar as distorções que hoje se manifestam.

“Disseminar especialmente as atividades de produção e, por corolário, da própria renda seria um primeiro passo a ser alcançado a partir de uma clara política industrial global que libere as políticas industriais regionais.

“As federações do extremo Sul exprimem a proclamação que o desenvolvimento brasileiro deve processar-se, de agora para o futuro, da periferia para o centro, representando a política global tão-somente o recobrimento das prioridades regionais, autonomamente definidas. Exclui-se assim, a prevalência das políticas setoriais, muitas vezes impeditivas da criação legítima de novos espaços econômicos nas diversas regiões brasileiras.

“A opção de reorientar os investimentos e o próprio esforço industrial no sentido de proporcionar a desconcentração econômica e incorporar maiores segmentos de mercado consumidor constitui, portanto, estratégia básica.

“Há pouco mais de um lustro o Brasil vem assistindo o desenrolar de acontecimentos perturbadores de sua ordem econômica e advertências quanto aos efeitos dos tratamentos corretivos adotados. Esta circunstância ao contrário de ser desalentadora demonstra uma vocação para o progresso e, portanto, avessa aos procedimentos recessivos ou contencionistas.

“Talvez resida na não adequada consideração deste enfoque a ineficácia dos tratamentos e até mesmo a causa maior do agravamento e eclosão, agora, de uma problemática mais contundente.

“Talvez por isso mesmo há que se ter consciência da hora inadiável de se reasentiar a economia brasileira sem a preocupação de fixar modelos acadêmicos, mas com o propósito de situá-la em um coerente contexto de suas peculiaridades próprias.

Já não há mais por que discutir as causas de nossos males — muitas vezes buscando-a lá fora; é preciso apenas assumi-los como quem assume o passivo de um empreendimento viável, como é o Brasil. Trata-se, sobretudo, de o setor privado avocar para si, uma posição mais participativa, embasada na sua condição de agente econômico, e principalmente originada pela constatação de que, acima das dificuldades, existe a falência da tecnocracia responsável pela direção de nossa economia.

“Aquela teve sua vez e seu mérito. Contudo hoje falta-lhe sensibilidade e perspicácia para transpor os obstáculos — atributos que os donos legítimos do negócio possuem simplesmente porque são os únicos que nele perdem ou ganham.

“Administrar uma economia estável ou em ascensão é uma coisa; administrá-la em crise é outra e só quem a suporta pode saber como o melhor superá-la.

“Infer-se, pois, que o realinhamento da economia brasileira deveria iniciar-se por uma verdadeira, efetiva coesação das forças vivas que nela se integram.

“A economia brasileira vive hoje um nítido conflito de múltiplas e confusas fronteiras que vai desde a necessidade de crescer para pagar o que deve; de conter o ritmo inflacionário, para compatibilizá-la interna e externamente; de se ajustar a um patamar dimensionado pela própria capacidade do mercado; de evitar a deflagração de problemas sociais como desemprego; de ofertar novos empregos; até, enfim, a adequar-se à nova realidade. Importa, pois, ter presente a existência de uma ordem econômica social recém-emergente a determinar posturas, que, captando suas implicações, delas façam instrumento de afirmação da livre iniciativa — jamais de sua negação.”